



GT 001. A antropologia da morte: perspectivas etnográficas em diálogo.

Hippolyte Brice Sogbossi (Departamento de Ciências Sociais/Universidade Federal de Sergip) - Coordenador/a, Thiago Zanotti Carminati (Universidade Regional do Cariri) - Coordenador/a

A importância dos estudos sobre a morte é inegável. Nem sempre teve a atenção adequada esse fato universal. Aos poucos, surgem estudos especializados em vários domínios do conhecimento. A morte é um fenômeno físico, social e cultural e desperta muita curiosidade. Um acontecimento, experienciado, vivido de múltiplas formas que implicam os vivos na situação de observadores da morte do outro. Mas há também a não-morte: a carne morre, mas a pessoa vive. A atual proposta, considerando a diversidade de enfoques sobre o fato, objetiva acolher e discutir trabalhos transdisciplinares, sendo que o diálogo com a antropologia é fundamental. Estudos comparativos também são bem vindos, e os enfoques deverão questionar e contextualizar as teorias hegemônicas ocidentais sobre a morte. Preferência ser dada a etnografias que versem sobre a temática, em situações como o suicídio, a morte por desaparecimento, o falecimento como resultado de doenças, a morte misteriosa, o infanticídio, o assassinato, o feticídio e os rituais religiosos ligados; enfim, morte como ligada a contextos políticos, sociais, biológicos e culturais.

No máximo um ano de vida...: fatalidade de um desaparecimento em família no Benim, África

Autoria: Hippolyte Brice Sogbossi

No Benim, o meu irmão foi diagnosticado com um câncer no rim direito em estágio avançado, o que implicaria numa intervenção cirúrgica urgente a fim de reduzir as chances de morrer. Florentin era Diretor de Lazer do Ministério da Juventude, Lazer e Esportes, e recebeu apoio e ajuda integral do governo central. Como em muitas sociedades africanas, a morte não é um fato natural, e sim provocado por algum parente (muitas vezes a esposa ou o irmão). A partir do descobrimento da doença inicia-se um processo de especulação sobre quem seria o provável suspeito de ter provocado tal desgraça. Acompanho de perto e de longe todo o processo de deslocamento do paciente desde o Benim passando pelo Rio de Janeiro, onde ele foi submetido a uma cirurgia para retirada de um câncer no rim, e onde foi dado um ano de sobrevivência para o paciente, devido à metástase do tumor; até a Tunísia, onde após um ano de tratamento intensivo, não houve mais chances de sobreviver, o que culminou em falecimento no país de origem do paciente. O prazo dado traduz-se, ao mesmo tempo, por uma sentença dada pelos médicos brasileiros sobre a irreversibilidade de mal, mas também de maneira oculta, pelos supostos causadores do mal. A presente proposta consiste em descrever e analisar esse acontecimento doloroso e lento que durou quinze meses. A metodologia consistiu em conversar com vários atores, sobretudo por telefone sobre os distintos momentos dessa tragédia, inclusive a vítima, e envolvendo familiares supostamente culpados; e em compilar correspondências por e-mail. A literatura sobre a morte e a bruxaria em contexto africano foi explorada com a finalidade de revisar algumas posturas já consagradas na antropologia. Evans-Pritchard, Ziégler, Louis-Vincent Thomas e Adoukonou, são alguns deles.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

